

Nuno Miguel Cunha de Sousa

**Os estudantes universitários e o consumo de
substâncias psicoativas**

Universidade Lusófona do Porto

Faculdade de Psicologia

Porto

(2014)

Nuno Miguel Cunha de Sousa

Os estudantes universitários e o consumo de substâncias psicoativas

**Dissertação apresentada para obtenção do grau de mestre em Psicologia
Forense**

Orientador Científico:

Professora Doutora Teresa Souto, Universidade Lusófona do Porto

Universidade Lusófona do Porto

Faculdade de Psicologia

Porto
(2014)

Agradecimentos

Este trabalho tornou-se factível pela participação de muitas pessoas, cada uma, com a sua parcela de colaboração. Todos que compartilharam nesta “empreitada” deixaram as suas contribuições acrescentando à obra parte das suas experiências.

Agradeço, à Universidade Lusófona do Porto e sua Direção, pela autorização para divulgação do inquérito que tornou possível este estudo.

Aos estudantes do 1º ciclo de estudos que reservaram um pouco do seu tempo livre para responderem ao inquérito.

À Professora Doutora Teresa Souto, pela orientação segura, e sempre presente, pelas brilhantes e oportunas sugestões.

Aos estudantes do Curso de Psicologia Forense, colegas de curso, que auxiliaram e ajudaram na elaboração deste trabalho.

Aos meus pais, por todo o apoio e carinho demonstrado nesta fase assim como toda a minha vida, sem eles o meu percurso académico não teria sido possível.

A todos os meus amigos que acompanharam a elaboração deste trabalho, pelas suas opiniões, ideias, ajuda na recolha de informação e pelo seu encorajamento.

Para finalizar, não podia deixar de mencionar o meu amigo, Sérgio Correia, pelo apoio e dedicação desde o início deste trabalho.

Resumo

O consumo de álcool e de outras substâncias psicoativas está cada vez mais patente entre a população universitária (ESPAD 2011).

O objetivo do presente trabalho consiste em identificar a prevalência de consumo e quais os motivos associados ao consumo de bebidas alcoólicas e outras substâncias psicoativas, nos estudantes universitários do primeiro ciclo de estudos da Universidade Lusófona do Porto (ULP).

Neste estudo participaram cento e noventa e seis (196) estudantes universitários, de diferentes nacionalidades, sendo 52,55% do género feminino e 47,45% do género masculino com a média de idades de 24,27 ano, os quais responderam ao inquérito desenvolvido no âmbito do presente estudo, que permitiu avaliar vários tipos de questões relacionadas com a experiência de consumo de substâncias psicoativas.

Os resultados revelaram que 60,20% dos inquiridos já experimentaram algum tipo de droga e que a principal droga utilizada para a primeira experiência, foi o álcool (63,56%), seguido da *cannabis* (31,36%). No domínio do contexto universitário verificou-se ainda que a primeira experiência teve lugar maioritariamente ainda na frequência escolar (62,71%).

Dos cento e dezoito (118) inquiridos que referiram ter já experimentado algum tipo de drogas, 53,39% consome drogas ainda hoje. Foi, também, verificada a existência de consumos de *cannabis* e de álcool (47,62% e 46,03% respetivamente), sendo estas drogas consumidas semanal e diariamente (58,73% e 31,75%). O prazer (23,81%) e a diversão (20,63%) são os principais motivos apontados para esse consumo.

Verificou-se que apenas um terço dos inquiridos suspendeu, pelo menos uma vez, o consumo de drogas (33,33%). Estes valores são preocupantes até porque tendo sido referidas pelos participantes situações que colocaram em risco a vida dos estudantes (12,70%), maioritariamente, as respostas confirmam que a cessação do consumo não é equacionada (60,32%).

Palavras-chave: álcool, substâncias psicoativas, estudante universitário, consumo, motivos.

Abstract

The use of alcohol and other psychoactive substances is increasingly clear between the university population.

The objective of this study is to identify: the prevalence of consumption and the motives associated with the use of alcohol and other psychoactive substances among college students of the first study cycle at Universidade Lusófona do Porto (ULP).

This study involved one hundred and ninety-six (196) college students of different nationalities, with 52,55% female and 47,45% male with a mean age 24,27 years, which responded to the survey, allowing assessment of several issues related to experience with psychoactive substances.

The results showed that 60,20% of respondents had experienced some type of drug, and that the main drug used for the first time, was alcohol (63,56 %), followed by *cannabis* (31,36%). Within the context of use, it was also noted that mainly the first experiment took place still at the School (62.71%).

One hundred and eighteen (118) respondents reported having experienced some kind of drugs, out of this, 53,39% take drugs today. It was also checked for the presence of *cannabis* consumption and alcohol (47,62% and 46,03% respectively), these drugs are consumed on a daily and weekly basis (58,73% and 31,75%). Pleasure (23,81%) and entertainment (20,63%) are the main reasons identified for this use .

It was found that only a third of the respondents suspended at least once, drug consumption (33,33%). These are troubling figures because even having existed situations that put at risk their lives (12,70%), mainly responses confirm that the cessation of consumption wasn't considered as option (60,32%).

Keywords: alcohol, psychoactive substances, college student, consumption, motives.

Lista de siglas

APA – American Psychiatry Association

DSM-IV-TR – Diagnostic and Statistic Manual of Mental Disorders, 4th edition, text revision

DSM-V – Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, 5th edition

ESPAD – European School Survey Project on Alcohol and Other Drugs

EUA – Estados Unidos da América

IDT – Instituto da Droga e da Toxicodependência

K-S – Teste Kolmogorov-Smirnov

NIAAA – National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism

OMS – Organização Mundial da Saúde

SICAD – Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências

SPSS – Statistical Package for the Social Sciences

Teste t – Teste t-Student

ULP – Universidade Lusófona do Porto

VIH – Vírus da Imunodeficiência Adquirida

WHO – World Health Organization

Índice

Introdução.....	8
I – Enquadramento Teórico	11
1.1 – As Drogas e as Dependências.....	11
1.2 – Transição da adolescência para a idade adulta	12
1.2.1 – A importância da família nesta transição	14
1.2.2 – A evolução pessoal nos domínios afetivo, comportamental, social e profissional.....	18
1.3 – Consumo de substâncias psicoativas no Jovem Adulto	21
1.3.1. – Caracterização do fenómeno de consumo	21
1.3.2. – Estatísticas do consumo de droga em estudantes	22
II – Método.....	24
2.1 – Objetivos	24
2.2 – Tipo e Metodologia do estudo	24
2.3 – Procedimento	25
III – Resultados	27
3.1 – Descrição dos Resultados	27
3.2 – Análise dos Resultados	41
IV – Considerações finais	45
V – Bibliografia	47
VI – Anexos	52

Introdução

Muito se tem discutido em Portugal sobre toxicodependência e segundo alguns autores como Fernando Nogueira Dias (2002), a toxicodependência deixou de ser encarada como um ato pessoal e íntimo, dando lugar a uma questão mais visível

Para Manuela Fleming, a toxicodependência é um fenómeno complexo, multideterminado por fatores de natureza diversa que se conjugam e criam condições para o seu aparecimento e manutenção (Fleming, 2006 cit. in Aragão & Sacadura, 2002).

A toxicodependência está na casa de cada dependente e na rua onde este assume esses comportamentos, mas também nas instituições por onde passam, quer como cidadãos comuns, quer como utentes de serviços de assistência. Algumas vezes, como se de uma opção livre e consciente se tratasse; outras, como se de um processo democrático estivesse em causa; outras, como se fosse sinal de modernidade os países avançados assumirem este fenómeno, dando-lhe um cunho de doença e de proteção; outras, ainda, de passividade, já que é um fenómeno à escala mundial, que faz parte da normalidade da vida em sociedade (Dias, 2002).

Segundo a Organização Mundial de saúde (OMS), o consumo de bebidas alcoólicas no continente Europeu tem vindo a aumentar, sendo que os países da União Europeia ocupam os primeiros lugares (WHO, 2012).

Entre a população escolar portuguesa, estima-se que a prevalência de problemas ligados ao álcool situa-se entre 10% e 20%, em estudantes universitários (Breda, 1900 cit. in Ferreira-Borges & Filho, 2004).

Para, Gonçalves (2012), a transição do ensino secundário para o ensino superior é vista, hoje em dia, como a mais importante de todo o ciclo de vivências académicas, quer para o estudante, quer para os seus familiares e amigos, colegas incluídos. Na verdade, a frequência do ensino superior marca, simultaneamente, o final da escolaridade “obrigatória” e o início da transição para o mundo do trabalho e para a autonomia própria do jovem adulto. O estudante chega ao ensino superior como “filho de alguém” e sai, se tudo correr bem, como adulto, preparando-se para o seu primeiro emprego, para a sua primeira vivência

a dois e, quem sabe, a caminho de se tornar pai/mãe de outro “alguém” (Gonçalves, 2012).

Não surpreende que o estudante encare este período com apreensão e ansiedade, isto depois da alegria de ter conseguido “entrar”, alegria que muitas vezes se prolonga por todo o primeiro ano de frequência do ensino superior. Na verdade, ao entrar para o ensino superior o estudante encontra um ambiente radicalmente diferente do que conheceu durante toda a sua vida de estudante, sendo as diferenças assinaláveis, nomeadamente no que diz respeito à relação pedagógica que se estabelece entre professores e estudantes, às formas de avaliação e à ausência de estrutura do contexto (Gonçalves, 2012).

Segundo o Instituto da Droga e Toxicodependência (IDT), no ensino secundário os estudantes têm as suas festas e as suas saídas noturnas de fim de semana, nestas já fumam e bebem, excedendo-se nestas experiências. Já no ensino universitário tudo surge com uma aparência diferente, o jovem adulto tem mais liberdade e as festas universitárias já não são apenas festas de fim de semana mas sim festas regulares, as chamadas festas académicas, onde estas incluem as festas de integração à universidade, que são as festas do caloiro ou da praxe, as queimas das fitas, as festas da garagem, entre outras. E, é neste ambiente de festas, que existe um grande abuso de álcool, tabaco e outras drogas. A necessidade de integração no “novo” meio, a vontade de socializar, a oferta, são todos fatores que levam os jovens a consumir; alguns como primeira experiência, outras como intensificação do consumo ou variações do mesmo (Andrade, Melo & Sampaio, 2010).

O jovem adulto insere-se na faixa etária que corresponde ao período da frequência do Ensino Superior, é confrontado com tarefas englobadas em quatro domínios: académico, social, pessoal e vocacional. O domínio académico relaciona-se com as estratégias de aprendizagem e com a avaliação; o social refere-se às relações interpessoais com os professores e colegas; o pessoal diz respeito à construção da identidade própria, da visão do mundo e ao desenvolvimento da autoestima; e, por último, o domínio vocacional implica a construção da identidade vocacional. O desenvolvimento psicossocial do jovem adulto passa pelo desenvolvimento do sentido de competência, identidade, autonomia, relações interpessoais, sentido da vida e da integridade e pela gestão das emoções (Santiago & Tavares, 2001).

Tendo tido a oportunidade de realizar estágio curricular numa unidade de desabilitação, o estudo desta temática vem consolidar os conhecimentos sobre esta problemática. Estes conhecimentos são e serão valiosos, visto ser esta a área profissional que pretendo desenvolver no futuro. Nesta unidade, a população era composta por trabalhadores e desempregados, é por isso importante para mim efetuar este estudo com estudantes universitários, visto ser o grupo em que me insiro e onde desconhecia a expressão desta problemática. Neste trabalho, iremos começar por abordar, as drogas e as dependências, a transição da adolescência para a idade adulta e o consumo de substâncias psicoativas no Jovem Adulto, especificamente no estudante universitário.

Seguidamente, será a apresentado o estudo empírico, desenvolvido ao longo deste trabalho que foi realizado na ULP com uma amostra de cento e noventa e seis (196) estudantes.

I – Enquadramento Teórico

1.1 – As Drogas e as Dependências

Segundo a OMS, droga "é toda a substância que, pela sua natureza química, afeta a estrutura e funcionamento do organismo." (OMS, 1997, cit. in Fernandes, p.10).

De acordo com o Glossário de Álcool e Drogas, considera-se droga "qualquer substância com o potencial de prevenir ou curar doenças ou aumentar o bem-estar físico ou mental... Na linguagem comum, o termo refere-se especificamente a drogas psicoativas e em geral ainda mais especificamente às drogas ilícitas, as quais têm um uso não médico além de qualquer uso médico" (Bertolote, 2006).

A História das drogas é a história da humanidade. Fizeram parte essencial da sua cultura, dos seus rituais religiosos, das suas relações humanas. Evoluindo ao mesmo tempo que os homens e as mulheres que as consomem. A amplitude do termo "*droga*" reflete esta longa evolução, fazendo referência a um elevado número de substâncias com distintos efeitos sobre a percepção, o pensamento, o estado de ânimo ou as emoções, com diferente capacidade para produzir dependência e com significados diferentes para aqueles que as consomem. Ainda há quem utilize terminologia não científica para classificar as substâncias a que chama drogas: quentes e frias; químicas e ecológicas; leves ou pesadas; entre outras. Mas a classificação que mais se aproxima de conceitos científicos será a de Delay e Denicker, como: estimulantes; perturbadoras; sedativas. (IDT, 2012)

No Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, 4th edition, (DSM-IV-TR), identificam-se onze classes de substâncias: 1) álcool, 2) anfetaminas ou simpaticomiméticos de ação similar, 3) cafeína, 4) *cannabis*, 5) cocaína, 6) alucinogénios e psicodislépticos, 7) inalantes, 8) nicotina, 9) opiáceos, 10) feniciclidina (PCP) ou arilciclo-hexilaminas de acção similar e 11) sedativos, hipnóticos ou ansiolíticos (American Psychiatric Association [APA], 1996, cit. in Souto, 2000).

Baseados nos efeitos fisiológicos e psicológicos comuns a algumas destas substâncias, podem-se identificar três categorias genéricas:

1. Depressores do sistema nervoso central, incluindo álcool e sedativos, ansiolíticos ou hipnóticos;
2. Estimulantes, incluindo cocaína e anfetaminas e substâncias relacionadas; e,
3. Psicadélicos e euforizantes incluindo os alucinogénios onde se poderá considerar o LSD (dietilamida-ácido-lisérgico) e o MDMA (3,4 metilenodioximetanfetamina também designado por *ecstasy*) (DSM – IV, 2011).

Ainda no domínio da classificação de substâncias psicoativas, a sua categorização como lícitas ou ilícitas está diretamente associada à influência de fatores políticos, culturais, históricos, morais e económicos das sociedades, mensagens filtradas pelo poder legislativo e aplicativo que foram culminando com o desenho de diferentes formas de manter o controlo sobre as substâncias e práticas associadas ao consumo. Neste sentido, quanto maior for a perceção de que o consumo de certa substância ameaça o bem-estar social, originando consequências adversas tanto para o consumidor como para a restante população, maior a probabilidade da substância não ser socialmente aceite (Ferreira-Borges & Filho, 2004).

Segundo o DSM-IV-TR (2011), dependência de substâncias é definida por um conjunto de características cognitivas, comportamentais e fisiológicas, implicando que o sujeito dê continuidade aos seus consumos, apesar das consequências adversas resultantes para o próprio e sociedade, nomeadamente, a propagação de doenças infetocontagiosas (APA, 2011). Esta informação é também corroborada pelo Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, 5th edition DSM-V (2013), onde é referido que a característica essencial de um transtorno por uso de substâncias é um aglomerado de características cognitivas, comportamentais e sintomas fisiológicos que levam a que o indivíduo continue a utilizar substâncias, apesar dos significativos problemas relacionados com esse mesmo consumo. (APA, 2013)

1.2 – Transição da adolescência para a idade adulta

De acordo com Erikson (1971) a vida dos indivíduos desenvolve-se tendo por base a necessidade de equilíbrio, que surge da resolução de conflitos característica de cada faixa etária. O autor apresenta oito estádios: bebé, infância

inicial, período pré-escolar, idade escolar, adolescência, idade adulta jovem, idade adulta e velhice. Cada uma das idades corresponde a uma fase desenvolvimental com tarefas específicas correspondentes. No estágio da idade adulta jovem, a tarefa desenvolvimental será

“...fundir sua identidade com a de outros. Está preparado para a intimidade, isto é, a capacidade de se confiar a filiações e associações concretas e de desenvolver a força ética necessária para ser fiel a essas ligações, mesmo que elas imponham sacrifícios e compromisso significativos.” (Erikson, 1971, p. 242). Refere, também, que nas sociedades industrializadas se tem verificado um prolongar da adolescência e, do respetivo período de moratória psicossocial, permitindo aos jovens realizar experiências livres de regras e assim escolher certos nichos na sociedade (Erikson, 1968 cit. in Arnett, 2000). O autor explica que, nesta fase, as responsabilidades e os compromissos são postos de parte e as experiências que tiveram início na adolescência se destacam.

Nas últimas décadas temos vindo a assistir a um progressivo adiar da autonomização dos jovens adultos em relação aos pais. Verifica-se um prolongamento do período de dependência por parte dos jovens devidos, quer ao crescente número de anos de estudo/formação académica no âmbito do ensino superior, quer, posteriormente, à dificuldade de entrar no mercado de trabalho e estabilização económica (Alarcão, 2006). Tal facto poderá conduzir a um adiamento relativamente ao casamento e à paternidade. Exemplo disso mesmo é a idade média em que as mulheres experienciam a maternidade pela primeira vez que, de acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística, passou de 25 anos em 1960 para 28,9 anos em 2010. Estas alterações demográficas têm vindo a modificar significativamente a forma como os jovens se desenvolvem e tendem a gerir as suas vidas.

De acordo com Dias e Fontaine, os jovens encaram o processo de separação psicológica dos pais como sendo uma condição necessária para consolidarem a sua autonomia, capacitando-os para o estabelecer de relações amorosas. A resolução das tarefas psicológicas, a separação psicológica da família, a consolidação da autonomia e a capacidade para estabelecer relações amorosas, é são fundamentais para o bem-estar psicológico do jovem, bem-estar que se traduz na consolidação da sua autoestima global (Dias & Fontaine, 1996). Para tal, contribui a relação que estes jovens mantêm com os pais, sendo que a

mesma deverá oferecer suporte à autonomia e independência do filho, enquanto permanecem ativos os vínculos afetivos e o suporte emocional por parte dos pais (Hill & Holmbeck, 1986; Ryan & Lynch, 1989, cit. in Aquilino, 2006).

O período em que os jovens já não são adolescentes mas não são ainda considerados adultos denomina-se de *adulter emergente*, uma vez que não apresentam níveis de dependência tão elevados quanto os adolescentes, contudo, não lhes são ainda atribuídas as responsabilidades de um indivíduo adulto (Arnett, 2000). Segundo este autor, esta fase caracteriza-se pelas inúmeras possibilidades em relação ao futuro e pela independência que permite aos jovens explorar as suas possibilidades nas sociedades industrializadas. Devido aos comportamentos que manifestam, aos interesses que apresentam, às transições pelas quais passam e às suas capacidades, os adultos emergentes alteram os estilos relacionais das suas famílias (Aquilino, 2006). Os jovens entre os 17 e os 33 anos de idade passam por alterações e vivem sob instabilidade, experimentando, simultaneamente, possibilidades a nível amoroso e laboral no percurso de construção da sua estrutura de vida (Levinson, 1978, cit. in Arnett, 2000).

De acordo com Arnett (2000, p.469): *“...a adulter emergente distingue-se pela relativa independência das regras sociais e das expectativas normativas. Tendo ultrapassado a dependência da infância e adolescência e não tendo ainda as responsabilidades normativas da idade adulta, os adultos emergentes exploram uma variedade de possibilidades no amor, no trabalho e de despectivas. A adulter emergente é um período da vida no qual várias direções são possíveis, quando pouco está decidido acerca do futuro, quando a oportunidade de explorar independentemente as possibilidades da vida é maior para a maioria das pessoas do que em qualquer outro período da vida.”*

1.2.1 – A importância da família nesta transição

Atualmente, os pais concordam que é mais difícil conseguir manter níveis adequados de disciplina e respeito entre os membros da família (Peralbo, 2012).

Sendo a família um sistema no qual os elementos constituintes se relacionam através de ligações, quer no seio familiar, quer com o mundo externo ao mesmo (Sampaio & Gameiro, 1985, cit. in Alarcão, 2006), encontra a sua

coerência no decurso da formação e do desenvolvimento que ocorre ao longo de variados estádios de evolução. Esta evolução é visível em todos membros da família, bem como no próprio sistema familiar e de acordo com Bateson (1987, cit. in Alarcão, 2006) o desenvolvimento familiar é singular na medida em que ocorre relativamente a cada um dos elementos da família e distinto uma vez que os mesmos se desenvolvem em simultâneo.

O papel desempenhado pela família é fundamental para o desenvolvimento do adolescente e tem início muito antes da adolescência. Apesar de nesta fase os adolescentes fazerem o “luto pelas imagens parentais”, os pais enquanto fontes de informação têm uma importância relativamente pequena, não deixando, no entanto, de constituir um modelo de informação (Baumrind, 1985, cit. in Correia, 2004).

Relvas (1996, cit. in Alarcão, 2006) entende que o desenvolvimento da família diz respeito às alterações individuais e grupais na família e que através da identificação de uma “sequência previsível” de determinadas tarefas desenvolvimentais é possível estabelecer o ciclo vital da família.

A idade torna-se um poderoso agente de ligação na adolescência. Os adolescentes passam mais tempo com os amigos e menos com a família. Entretanto, os valores fundamentais da maioria dos adolescentes, permanecem mais parecidos com os dos seus pais do que geralmente se percebe (Offer e Church, 1991, cit in Feldman, Olds, & Papalia, 2006).

O período da adolescência é também referenciado como época de rebeldia adolescente, envolvendo turbulência emocional, conflito com a família, alienação da sociedade adulta, comportamento imprudente e rejeição dos valores dos adultos (Feldman, et. al, 2006).

Os psicólogos consideram a adolescência um período crítico, que tem o seu início imediatamente a seguir à puberdade. É uma fase em que tomam lugar na vida do indivíduo as perturbações psicológicas, corporais e hormonais. A transformação do corpo e do psíquico conduz o sujeito a preocupações intensas e a tensões internas, que se materializam em reações impulsivas e hipersensibilidade quase doentia (Dias, 2002).

Assim como os adolescentes sentem tensão entre a dependência dos pais e a necessidade de se libertar, os pais também têm sentimentos confusos. Querem que os filhos sejam independentes, mas têm dificuldade de “soltá-los”.

Os pais precisam de saber distinguir entre dar aos adolescentes a independência suficiente e protegê-los de lapsos imaturos de julgamento. Essas tensões costumam levar a conflitos familiares, e os estilos parentais de educação podem influenciar a sua forma e resultado (Feldman, et. al, 2006).

Hoffman (1984) apresenta quatro constituintes distintos do processo de separação psicológica na adolescência: a independência funcional, a independência atitudinal, a independência emocional e a independência conflitual.

A primeira traduz-se na capacidade de os jovens gerirem de forma autónoma os seus assuntos pessoais sem necessitarem de assistência parental; a independência atitudinal consiste na visão que o indivíduo tem acerca de si mesmo como um ser único e independente dos seus pais relativamente a crenças, atitudes e valores; a independência emocional manifesta-se pela liberdade no que diz respeito à excessiva necessidade de suporte emocional, proximidade e aprovação por parte dos pais; a última dimensão caracteriza-se pela ausência de sofrimento, raiva, culpa, desconfiança, inibição, ressentimento e ansiedade para com as figuras parentais aquando da expressão da individualidade por parte dos filhos. Lopez, Watkins e Hunton-Shoup, 1992, referem que se a relação entre pais e filhos apresenta um alto nível de independência conflitual, verifica-se que a tarefa desenvolvimental de separação-individuação não gera stress no contexto familiar e que se conseguiu alcançar um equilíbrio entre individualidade e proximidade. Se a relação é caracterizada pela dependência conflitual, nota-se que o contexto familiar ainda não alcançou a diferenciação necessária para acompanhar o desenvolvimento psicossocial do filho (Bowen, 1978; Gavassi & Sabatelli, 1990; Kerr & Bowen, 1988 cit. in Lopez, Watkins & Hunton-Shoup, 1992).

Algumas questões relacionadas com o rendimento académico, levam os pais, muitas vezes até sem conhecimento dos seus filhos, a discutirem resultados, notas e desempenhos com docentes, certos que esta atitude é um contínuo dentro das oportunidades de vida que até aí proporcionam aos seus filhos. Além de ser uma postura que encara o ensino do ponto de vista económico, isto é, o pagamento de propinas e o restante elevado investimento necessário à conclusão do primeiro ou do segundo ciclo de estudos superiores, leva muitos pais a defenderem “o seu investimento”, pelo que a intromissão no que era tradicionalmente a relação independente e promotora de autonomia estudante-

docente, é muitas vezes triangulada pela interferência parental. Ora esta nova realidade constitui, por si, só um entrave ao processo de separação-individuação, já que não se permite ao jovem adulto defender os seus próprios pontos de vista, lidar com as suas frustrações e reavaliar estratégias de resolução de problemas. (Mota & Rocha, 2012).

Um dos processos implicados no desenvolvimento psicológico saudável dos indivíduos é a diferenciação, variável sistémica referente aos padrões emocionais e ao grau de fusão existente no sistema familiar (Andreson & Sabatelli, 1990). Diz respeito às interações intrafamiliares que permitem que os indivíduos possuam a noção de ligação emocional contínua, bem como a noção de separação no contexto familiar de origem (Andreson & Sabatelli, 1990).

A diferenciação reflecte-se principalmente nos padrões de regulação da distância da família e, depois, na flexibilidade da família relativamente à intimidade e à individualidade (Farley, 1979; Kantor & Lehr, 1975 cit. in Andreson & Sabatelli, 1990).

Vários autores (Bowen, 1978; Farley, 1979; Kerr, 1984; Kramer, 1985, cit. in Andreson & Sabatelli, 1990) defendem que famílias com maior nível de diferenciação apresentam maior capacidade para se envolverem em tarefas adaptativas, apropriadas às idades dos seus elementos e orientadas para um objetivo. Explicam, ainda, que famílias com menor nível de diferenciação apresentam maior necessidade de procurar aprovação, amor e de culpar os outros pelo não preenchimento das suas necessidades. Na mesma linha, Andreson e Sabatelli (1992) referem que as famílias com índices de diferenciação mais elevados são caracterizadas pela existência de padrões que encorajam um balanceamento entre separação e ligação aos elementos da família correspondente à idade de cada um. Nestas famílias, os indivíduos estão intimamente ligados uns aos outros, assumindo responsabilidade por tarefas apropriadas à sua idade, falando por si próprios, sendo sensíveis às necessidades dos outros e respeitando-se entre si, existindo padrões de interação que lhes permitem experienciar e expressar a sua individualidade. Já famílias com menor nível de diferenciação apresentam duas formas distintas de regular as fronteiras das relações, uma em que as fronteiras entre os elementos do sistema e os seus subsistemas não estão bem definidos, o que leva à inibição da individualidade e da autonomia e, um outro, no qual as fronteiras são rígidas entre

os membros e subsistemas permitem autonomia à custa da intimidade, apoio, agilidade e mútua-relação (Minuchin, 1974 & Stierlin, 1981 cit. in Andreson & Sabatelli, 1992). Estas famílias apresentam falta de empatia, consideração e respeito pela individualidade dos outros, bem como pouca flexibilidade no que diz respeito à individualidade e intimidade entre os seus membros (Andreson & Sabatelli, 1992).

Andreson e Sabatelli (1992, p. 78) explicam:

“Nas relações pai-filho mais diferenciadas, o envolvimento parental (por exemplo, o grau em que os pais regulam as vidas dos filhos) é continuamente ajustado ao nível de desenvolvimento da criança e o processo transmite respeito pela individualidade e autonomia. Nos sistemas com uma diferenciação mais pobre, a intrusão dos pais e as fronteiras pessoais turvas trabalham contra a autonomia individual e a individualidade, o que poderá interferir com o desenvolvimento individual.”

Estes autores referem, ainda, que o nível de diferenciação da família tem grande influência na capacidade de adaptação da mesma às mudanças desenvolvimentais dos membros da família, às alterações ambientais e sociais, e às alterações da família como um todo (Andreson & Sabatelli, 1992).

1.2.2 – A evolução pessoal nos domínios afetivo, comportamental, social e profissional.

Segundo Erikson, o jovem adulto, ao entrar nesta fase, deve ser capaz de expressar afetos para com os outros, bem como saber distinguir as amizades que mais lhe interessam. Um outro requisito é o de sentir-se suficientemente seguro, por forma, a poder tolerar-se e aceitar-se como é (Erikson, 1976 cit. in Dias, 2002).

Para este autor, as duas preocupações principais do jovem adulto são: o amor e o trabalho. Esta é uma fase em que o indivíduo encontra profundas implicações sociais, o amor e a produtividade são para si compromettimentos abrangentes (Erikson, 1976 cit. in Dias, 2002).

Até à década de setenta do século passado, os jovens capazes de atingir a estabilidade económica, que lhes permitia a criação do seu próprio núcleo familiar, eram considerados adultos plenos, justamente através destes dois marcos de vida. Desde então, e perante as mudanças ocorridas cultural e

economicamente, a entrada na vida adulta passou a ser repensada, na perspetiva de compreender as vivências dos jovens adultos em torno de necessidades pessoais que necessariamente são diversas das historicamente referenciadas, e que incluem o confronto com a entrada tardia no mercado de trabalho e a consequente permanência estendida na família nuclear. Trata-se não só de formação pessoal (na qual se destaca o investimento académico), como também da realização profissional e na mudança em torno da constituição familiar, retratando uma realidade que terá de compreender a autonomia dentro de um processo no qual os pais continuam a estar presentes (Mota & Rocha, 2012).

De acordo com Mendonça e Fontaine (2013) a crescente valorização dos estudos académicos superiores, a precaridade nos empregos e as elevadas taxas de desemprego levam ao aumento da influência dos pais na vida dos filhos, complexificando o desenvolvimento da independência dos jovens. Assume-se, assim, que mesmo ao trabalhar, os filhos tendem a necessitar do apoio dos pais, o que poderá também comprometer a sua perceção de autonomia e do espaço e da liberdade que os pais lhes conferem. De facto, estudar durante mais tempo poderá aumentar o nível de diferenciação dos jovens, na medida em que o seu quotidiano se vai mantendo, bem como o tipo de preocupações dos pais em relação aos mesmos. Pelo contrário, as transições tendem a pôr em causa os hábitos e as normas pré-estabelecidas na fase anterior e, quando os filhos iniciam uma atividade profissional, os pais poderão sentir uma maior necessidade de os aconselhar e de os controlar, verificando como estes gerem o dinheiro, por exemplo; também a precaridade nos empregos e as elevadas taxas de desemprego atuais representam uma grande preocupação para os pais, o que se poderá traduzir num maior controlo e supervisão dos filhos.

Sob o ponto de vista da psicologia do desenvolvimento, os jovens são agentes activos no ambiente, não estando absolutamente dependentes do contexto (Arnett, 2006). O autor aponta para estudos (como os estudos de Arnett em 2004) cujas diferenças estruturais não constituem necessariamente um entrave na transição dos jovens, reportando contudo quatro critérios que parecem ser consistentes no processo de transição para a adultícia: (a) aceitação da responsabilidade dos seus actos, (b) tomada de decisões de forma independente, (c) consideração pelos demais, e (d) o tornar-se economicamente independente (Arnett, 2004, cit. in Mota & Rocha, 2012).

1.2.2.1 - Comportamentos de risco.

O fenómeno da droga, o seu consumo é provocado por diversos fatores, não é apenas a oferta, o consumidor ou o traficante. A sua análise deve ter em conta o meio onde se insere o consumidor, a organização da sociedade, a vida familiar, visto que não são apenas os jovens adolescentes a arriscado consumir, mas todas as esferas da sociedade (Ferreira-Borges & Filho, 2004).

Segundo o DSM-IV-TR (2011), o álcool é, na maioria das culturas, o depressor cerebral utilizado mais frequentemente e constitui uma causa considerável de morbilidade e morbilidade (APA, 2011). O seu consumo, está associado a outros riscos característicos da maturidade, como acidentes de trânsito, criminalidade e infeção por Vírus da Imunodeficiência Adquirida (VIH) (Leigh, 1999, cit. in Feldman et al, 2006). Conduzir sob a influência de álcool ou de outras drogas pode ser fatal. O álcool também está envolvido em mortes por afogamento, em suicídios, em incêndios e em quedas, e costuma ser um fator na violência familiar (National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism [NIAAA], 1981, cit. In Feldman et al, 2006).

O consumo de álcool, embora seja contraindicado para os estudos académicos, pode facilitar objetivos sociais (Vaughan & Corbin, 2009 cit. in Rocha, 2011) passando, assim, a ser usado como um recurso para obter a aceitação no grupo de pares e a autonomia em relação aos pais, lidar com a ansiedade e a frustração e para afirmar a própria maturidade (Jessor, 1991 cit. in Rocha, 2011).

Para o jovem adulto, a faculdade é um período e um local de apogeu para a bebida e para as drogas. A maioria maciça dos estudantes universitários utiliza álcool, e até 40% têm episódios de ingestão alcoólica excessiva pelo menos uma vez em cada duas semanas (Johnston, O'Malley & Bachman, 1999, cit. In Feldman et al, 2006). Os estudantes que ingerem álcool em excesso têm tendência faltar aulas, a criar complicações com as autoridades, a causar danos à propriedade, a dirigir depois de beber e a envolverem-se em agressões sexuais ou em atividades sexuais inseguras sem planeamento (NIAAA, 1995, cit. in Feldman et al, 2006). Relativamente ao uso de *cannabis* entre universitários, este aumentou cerca 21% entre 1993 e 1997 (Wechsler et al., 1998, cit. in Feldman et al, 2006). Atualmente, envolve um em cada quatro estudantes. Os utilizadores de *cannabis*, assim como

aqueles que costumam ingerir álcool, tendem a tirar notas mais baixas, a estudar menos, a socializar mais e a participar de outros comportamentos de alto risco (Bell, Wechsler & Johnston, 1997; Wechsler, Dowdall, Davenport & Castillo, 1995, cit. In Feldman et al, 2006). Embora cerca de metade de todos os jovens adultos tenha experimentado drogas ilícitas, a mais comum é a *cannabis*, apenas 7,4% das pessoas de 26 a 34 anos são utilizadoras ou consumidoras (SAMHSA, 1998b, cit. In Feldman et al, 2006).

À medida que os jovens adultos amadurecem, reduzem o uso de álcool e de drogas, pois estabelecem e assumem mais responsabilidades para o seu futuro (Labouvie, 1996, cit. in Feldman, et al, 2006).

O abuso de substâncias pode ter riscos na saúde a curto e a longo prazo. O uso crónico e intenso de cocaína pode prejudicar o funcionamento cognitivo (Bolla, Cadet e London, 1998; Bolla, Rothman e Cadet, 1999, cit. in Feldman, et al, 2006). Muitos dos nascimentos, após a Segunda Guerra Mundial, que começaram a usar drogas na adolescência ou início dos vinte anos e que continuaram a usar, sofrem hoje de graves problemas de saúde relacionados com as drogas (SAMHSA, 1998b, cit. In Feldman et al, 2006).

1.3 – Consumo de substâncias psicoativas no Jovem Adulto

1.3.1. – Caracterização do fenómeno de consumo

O fenómeno do consumo de drogas remete, igualmente, para a diversidade de substâncias, dos seus efeitos, e da forma como cada indivíduo responde, também, diferentemente, às propriedades químicas das mesmas e à quantidade ingerida. Na nossa sociedade, ao longo dos anos, os padrões de consumo têm sofrido diferentes alterações, marcados por influências culturais e de mercado. A distinção entre drogas ilícitas e lícitas e a questão das relações, nem sempre baseadas em evidências científicas, entre as políticas proibicionistas e as consequências para a saúde derivadas do consumo das diferentes substâncias psicoativas tornam, igualmente, polémica a abordagem deste fenómeno. A nicotina é, hoje, cientificamente considerada como uma das substâncias com maior poder aditivo e, no entanto, o seu consumo é legal. Em contrapartida, determinadas substâncias, como a *cannabis*, relativamente às quais ainda não se encontram provados os efeitos aditivos, o seu consumo

continua interditado. Adicionalmente, e apesar das longas guerras aos impérios de tráfico de drogas ilícitas, o mercado das drogas continua a crescer e a mudar de estratégias, criando novos adeptos (Chitas, 2010).

Compreender o fenómeno do consumo de drogas implica, por outro lado, e para além de uma visão das tendências gerais, estar atendo ao complexo mosaico de comportamentos que compõem este fenómeno global. Neste sentido, podemos realçar o papel que as subculturas juvenis têm assumido na proliferação do consumo de determinadas substâncias. Estas subculturas traduzem, muitas vezes, movimentos de oposição geracional, de resistência e de contestação às formas dominantes de autoridade, onde os estilos musicais, as formas de vestir e as drogas consumidas constituem fatores de construção de uma identidade (Jenkins, 2006).

As festas designadas como *rave* estão associadas à música *techno*, *trance* e *house* e ao consumo de *ecstasy* (MDM), LSD e outros estimulantes. Encontrando-se a sua origem histórica no Reino Unido, estas manifestações estão atualmente difundidas por toda a Europa e Estados Unidos da América (EUA). Os jovens ligados ao *heavy metal* utilizam haxixe, *ecstasy* e meta-anfetaminas. Os rappers, nos E.U.A., têm estado mais fortemente associados ao uso de *crack* e de cocaína. Em muitos países pobres, as subculturas juvenis procuram também reproduzir os modelos ocidentais e, em muitos contextos, o uso de drogas encontra-se conotado com o poder económico, sendo sinónimo de um estatuto social elevado (Sherman & Latkin, 2002, cit. in Jenkins, 2006). Na Ásia Central, por exemplo, o uso de drogas entre a população jovem tornou-se parte de um estilo de vida particular, associado à imagem de poder, ser *cool* e ter dinheiro (Jenkins, 2006).

1.3.2. – Estatísticas do consumo de droga em estudantes

De acordo com o relatório *European School Survey Project on Alcohol and other Drugs* (ESPAD, 2011), no que diz respeito ao consumo de drogas nos últimos 30 dias, os estudantes portugueses situam-se próximo ou abaixo da média Europeia. Uma das situações em que os estudantes portugueses ficam abaixo da média, relaciona-se com episódios de consumo abusivo de álcool, nos últimos trinta dias, onde apenas 22% dos estudantes portugueses responderam

afirmativamente a esta questão comparado com a média (39%) do relatório ESPAD de 2011. O consumo de álcool nos últimos trinta dias (52%) fica também abaixo do valor médio (57%) constante do relatório. Apesar destes resultados, os estudantes portugueses têm hábitos de consumo de drogas muito semelhantes aos dos estudantes dos restantes países envolvidos no estudo (ESPAD, 2011).

Também neste relatório, foi possível verificar a evolução no consumo de alguns tipos de droga. O consumo de álcool aumentou desde 1995 (79%) até 2007 (84%), e à data do último inquérito, 2011, atingiu o valor mais baixo de sempre (71%). Relativamente à *cannabis*, em 1995 era consumida por apenas 7% dos estudantes Portugueses, valor que foi aumentando até 2003 (15%), diminuiu em 2007 para 13% e atingiu o seu máximo em 2011 (16%). Comparativamente com as restantes drogas, o *ecstasy* pode dizer-se que tem um baixo consumo. Com início em 1995, com 1%, neste momento, 3% de estudantes Portugueses referem consumir esta droga.

Numa análise geral do consumo de drogas ilícitas (*cannabis*, *anfetaminas*, *cocaína*, *crack*, *ecstasy*, LSD ou outros alucinógenos, *heroína* e, desde 2007, *GHB*) verificou-se um aumento significativo no consumo deste tipo de drogas. Em 1995, início do estudo, 8% dos estudantes afirmava consumir drogas ilícitas, aumentando para os 12% e 18% (1999 e 2003, respetivamente). Existiu um decréscimo no consumo em 2007 (14%) e finalmente, em 2011, este consumo atinge os valores mais altos de sempre (19%).

II – Método

2.1 – Objetivos

Atualmente, verificamos um crescente, e por vezes alarmante, consumo de drogas, que para além de colocar em risco os jovens, é preocupante em termos de saúde pública.

O objectivo do inquérito realizado aos estudantes universitários, para além de constatar o uso/consumo de substâncias, era identificar, quais as substâncias utilizadas, não se focando apenas no consumo do álcool, mas, também, outro tipo de substâncias menos vulgarmente comercializadas e consumidas e qual a sua aceitação social (Haxixe, Erva).

Tentar-se-á compreender o papel das drogas no dia a dia e a sua aceitação, por vezes de forma demasiado fácil, no meio universitário.

Para tal, seleccionou-se um grupo representativo de drogas socialmente conhecidas, para verificarmos quais, quando, como e o porquê de serem consumidas. A análise da idade e género dos inquiridos, permitiu também obter uma ideia mais generalista do seio universitário.

2.2 – Tipo e Metodologia do estudo

Para este estudo, foi definida como população-alvo os estudantes da ULP, matriculados apenas no primeiro ciclo de estudos (estudantes inscritos desde o primeiro ao quarto ano dos cursos em funcionamento na ULP) constituindo-se, assim, a amostra.

Por ser estudante da ULP, optou-se por desenvolver o estudo nesta Universidade, pela facilidade acrescida na obtenção de autorização e divulgação do inquérito, tornando por isso, a amostra numa amostra de conveniência. A mesma, foi obtida de uma população estratificada por um grupo homogéneo, estudantes inscritos na ULP como referido anteriormente, sendo por isso uma amostra estratificada (Almeida & Freire, 2008).

Trata-se de um estudo descritivo e correlacional, pois, para além da descrição do fenómeno em estudo, foi possível estabelecer relações entre algumas das variáveis estudadas, quantificando também essas relações (Almeida & Freire, 2008).

Utilizou-se como instrumento um inquérito desenvolvido especificamente para o estudo e considerando os objetivos do mesmo. O inquérito é constituído por vinte e duas (22) perguntas, sendo que algumas são desenvolvidas com perguntas acessórias, e composto por três (3) secções. Numa primeira fase, questões de carácter biográfico e pessoal. A fase seguinte e final do inquérito subdivide-se em duas partes: 1) Experimentação; 2) Consumo.

Com esta segunda fase do inquérito, pretendemos confirmar se os indivíduos incluídos no estudo, passaram pelas duas fases ou apenas pela experimentação, e se existe ou não, o desejo de novas experiências com drogas. O inquérito esteve disponível para resposta *online*, no endereço eletrónico <https://docs.google.com/forms/d/1pwbbba8oBRFYJ2Ge0SJLa0h2-3vIkLdnC8DvXKmi3WUs/viewform>.

Escolheu-se esta metodologia, pela fácil divulgação do inquérito, e, principalmente, pela confidencialidade, uma vez que se tratam de questões de carácter pessoal (Bowker, Dillman, & Tortora, 1998). As respostas foram recolhidas entre os meses de Outubro de 2013 a Janeiro de 2014, correspondente ao primeiro semestre de aulas antes da fase de avaliações e, também, ao período de receção aos estudantes matriculados no primeiro ano, período conhecido pelas constantes festas de integração dos novos estudantes (referenciados como *caloiros*) na vida académica.

2.3 – Procedimento

Para viabilizar o presente estudo, começamos por efetuar um pedido junto da direção da ULP, para que fosse autorizado o recurso os estudantes da respetiva Universidade, enquanto amostra a ser estudada através de um inquérito (anexo 1). Após concedida autorização para a recolha dos dados, foi definido o grupo de estudo: todas as turmas e cursos da universidade, do primeiro ciclo de estudos. Com este critério já definido, criou-se o inquérito de raiz e o mesmo foi colocado *online*, tendo sido enviado um *e-mail* com *link* do mesmo, para os respetivos estudantes.

No inquérito, antes do início das questões propriamente ditas, inclui-se informação relativa ao objetivo do estudo e a sua finalidade. Enfatizou-se, também, o facto de as respostas serem anónimas e confidenciais.

Para a análise dos dados recorreu-se ao *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 21.0.

A respetiva descrição e análise serão apresentadas no próximo capítulo.

III – Resultados

Atendendo ao objetivo deste capítulo, iremos descrever e analisar os resultados em função do objetivo inicial, conhecer a realidade e o motivo do consumo de drogas entre os estudantes universitários, assim como comparar os resultados com outros trabalhos e estudos realizados anteriormente.

3.1 – Descrição dos Resultados

A amostra estudada é constituída por cento e noventa e seis (n=196) estudantes matriculados no 1º ciclo de estudos de vários cursos em funcionamento na ULP.

Os dados recolhidos, por inquérito, dizem respeito a variáveis qualitativas (nominais e ordinais) e variáveis quantitativas (discretas e contínuas), (Almeida & Freire, 2008) e foram importados pelo *software* de análise estatística SPSS, versão 21, a partir de um ficheiro do Microsoft Excel com as respostas dos inquéritos.

Os estudantes inquiridos são na sua maioria de nacionalidade Portuguesa (n=177; 90,3%) e do género feminino (n=103; 52,6%), com idades compreendidas entre os 18 e 41 anos, sendo a média das idades de 24,27 anos com desvio padrão 4,95.

Apresenta-se de seguida uma tabela, com um resumo das características sociodemográficas.

Tabela 1- Características sociodemográficas

Características sociodemográficas					
Característica		Total de Respostas		Percentagem	
Nacionalidade	Angolana	9	196	4,59%	100%
	Brasileira	3		1,53%	
	Cabo Verdiana	5		2,55%	
	Moçambicana	2		1,02%	
	Portuguesa	177		90,31%	
Faixa etária	Até aos 19 anos	22	196	11,22%	100%
	20-29 anos	143		72,96%	
	30-39 anos	28		14,29%	
	Mais de 40 anos	3		1,53%	

Tabela 1- Características sociodemográficas (cont.)

Característica		Total de Respostas		Percentagem	
Género	Feminino	103	196	52,55%	100%
	Masculino	93		47,45%	
Faculdade	FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÓMICAS, SOCIAIS E DA EMPRESA	60	196	30,61%	100%
	FACULDADE DE CIÊNCIAS NATURAIS, ENGENHARIAS E TECNOLOGIAS	7		3,57%	
	FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARQUITECTURA, ARTES E TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO	55		28,06%	
	FACULDADE DE DIREITO	33		16,84%	
	FACULDADE DE PSICOLOGIA, EDUCAÇÃO E DESPORTO	41		20,92%	
Ano	1º Ano	27	196	13,78%	1
	2º Ano	52		26,53%	
	3º Ano	99		50,51%	
	4º Ano	18		9,18%	

Analisando a variável idade de acordo com o género, constata-se que no género feminino as idades estão compreendidas entre os 18 e os 40 anos, sendo a média de idade de 23,98 anos com desvio padrão de 4,45. No género masculino as idades situam-se entre os 18 e 41 anos de idade, média de idades de 24,58 e desvio padrão de 5,48.

Para uma melhor análise, de acordo com o primeiro ciclo de estudos, dividiu-se as licenciaturas pelas respetivas faculdades da ULP, como pode ser confirmado na tabela abaixo:

Tabela 2 - Distribuição de licenciaturas por faculdades

Faculdade	Licenciatura	Total de elementos	%
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÓMICAS, SOCIAIS E DA EMPRESA	LICENCIATURA EM CIÊNCIA POLÍTICA E ESTUDOS ELEITORAIS	6	3,06%
	LICENCIATURA EM GESTÃO	16	8,16%
	LICENCIATURA EM GESTÃO E DESENVOLVIMENTO DOS RECURSOS HUMANOS	6	3,06%
	LICENCIATURA EM GESTÃO E ENGENHARIA INDUSTRIAL	5	2,55%
	LICENCIATURA EM SERVIÇO SOCIAL	17	8,67%
	LICENCIATURA EM TURISMO E GESTÃO DE EMPRESAS TURÍSTICAS	10	5,10%
	TOTAL	60	30,61%

Tabela 2 - Distribuição de licenciaturas por faculdades (cont.)

Faculdade	Licenciatura	Total de elementos	%
FACULDADE DE CIÊNCIAS NATURAIS, ENGENHARIAS E TECNOLOGIAS	LICENCIATURA EM CIÊNCIAS DE ENGENHARIA AEROESPACIAL	1	0,51%
	LICENCIATURA EM ENGENHARIA CIVIL	5	2,55%
	LICENCIATURA EM ENGENHARIA ELECTROTÉCNICA DE SISTEMAS DE ENERGIA	1	0,51%
	TOTAL	7	3,57%
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARQUITECTURA, ARTES E TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO	LICENCIATURA EM ARQUITETURA	13	6,63%
	LICENCIATURA EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO E DA CULTURA	4	2,04%
	LICENCIATURA EM COMUNICAÇÃO APLICADA: MARKETING, PUBLICIDADE E RELAÇÕES PÚBLICAS	9	4,59%
	LICENCIATURA EM COMUNICAÇÃO AUDIOVISUAL MULTIMÉDIA	14	7,14%
	LICENCIATURA EM DESIGN DE COMUNICAÇÃO	5	2,55%
	LICENCIATURA EM ENGENHARIA INFORMÁTICA	10	5,10%
	TOTAL	55	28,06%
FACULDADE DE DIREITO	LICENCIATURA EM DIREITO	33	16,84%
	TOTAL	33	16,84%
FACULDADE DE PSICOLOGIA, EDUCAÇÃO E DESPORTO	LICENCIATURA EM PSICOLOGIA	33	16,84%
	LICENCIATURA EM PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA	8	4,08%
	TOTAL	41	20,92%

As faculdades mais representativas são as de Ciências Económicas (n=60; 30,6%) e de Comunicação (n=55; 28,1%).

Relativamente aos cursos com mais expressão surgem Direito e Psicologia, ambos com a mesma percentagem de 16,8% inquiridos (n=33).

Em relação ao ano de frequência, cerca de metade dos estudantes inquiridos frequenta o 3º ano (n=99; 50,5%), isto é, estamos perante estudantes essencialmente de anos intermédios (2º e 3º ano).

De entre os 196 estudantes inquiridos, 118 (60,2%) revelaram ter experimentado algum tipo de droga.

Seguidamente, analisar-se-á as respostas ao inquérito, reportando aos quatro pontos referidos: idade, género, primeiro ciclo de estudos e ano de frequência do primeiro ciclo de estudos.

Para uma melhor análise dos resultados, de acordo com a idade, esta foi dividida por faixas etárias, como pode ser verificado na tabela abaixo.

Tabela 3 – Distribuição por faixas etárias

FAIXAS ETÁRIAS	Número de elementos	%
Até 19 anos	22	8,64%
20 – 29 anos	143	69,47%
30 – 39 anos	28	19,34%
40 anos ou mais	3	2,54%
Total	196	100%

Na faixa etária dos 20 aos 29 anos de idade, 29,1% dos inquiridos confirmam nunca ter experimentado qualquer tipo de drogas, e um total de 43,9%, refere ter já experimentado alguma droga.

Tabela 4 - Já experimentou algum tipo de drogas?

Faixa etária	Não	%	Sim	%	Total	Total %
Até 19 anos	7	31,82%	15	68,18%	22	100,00%
20-29 anos	62	43,36%	81	56,64%	143	100,00%
30-39 anos	9	32,14%	19	67,86%	28	100,00%
40 anos ou mais	0	0,00%	3	100,00%	3	100,00%
Total	78		118		196	

Verifica-se que são os estudantes do género feminino que revelaram ter tido em maior percentagem experiência com algum tipo de droga (64,1% vs 55,9%). Podemos constatar que há duas faculdades que se destacam em relação ao consumo de droga: Direito (n=25; 75,8%) e Psicologia/Educação e Desporto (n=32,78%). Pela positiva destaca-se a faculdade de Ciências Naturais (n=2; 28,6%). Em todos os anos de frequência a percentagem de estudantes que já experimentou algum tipo de droga é superior a 50%, chegando mesmo, no caso dos estudantes de 4º ano, a exceder 66% (n=12, 66,7%).

Foram os estudantes da faixa 20-29 anos que iniciaram mais cedo o contacto com as drogas: mais de 75% deles experimentou algum tipo de droga antes de completar vinte (20) anos. Não há diferenças relevantes na idade de início de consumo no que ao género diz respeito. Pode verificar-se que no género feminino a idade mínima com que experimentaram drogas foi de 13 anos e a máxima de 24 anos de idade, sendo a idade média da primeira experiência de 17,80 anos de idade. De forma muito semelhante, se apresentaram os resultados para o género masculino; a idade mínima mantém-se nos 13 anos e a máxima

apenas mais um ano (25 anos de idade). A média de idades com que os inquiridos do género masculino experimentaram drogas foi de 18,15 anos de idade.

Para que fosse possível verificar que na amostra a distribuição de dados obedecia aos parâmetros da normalidade (condição base para a utilização de testes paramétricos), realizou-se o teste Kolmogorov-Smirnov (teste K-S). Aqui, a normalidade parece não ser garantida, visto que os valores de p, em ambos os géneros, são inferiores a 0,05 (5%), para um valor de K-S=0,000 no género feminino e de K-S=0,025 no género masculino. Dado que a homogeneidade das variâncias se verifica, a hipótese nula da igualdade das variâncias não é rejeitada (Maroco, 2003), visto que o valor é $p=0,595$ (6%) superior a 0,05 (5%). Este procedimento de verificação será usado posteriormente, sempre que for necessário.

Assim, não há evidências estatísticas que permitam afirmar que as diferenças registadas no género, para a média de idade de início de experimentação de drogas sejam estatisticamente relevantes. O género parece não condicionar a média de idade de início de experimentação ($t=-0,718$; $p=0,474$).

Relativamente à Faculdade frequentada, podemos observar que são os estudantes da Faculdade de Direito que iniciam mais precocemente o contacto com substâncias psicoativas (idade média de 16,8 anos de idade). Os estudantes do 3º ano foram aqueles que iniciaram mais cedo o contacto com as drogas; 75% iniciaram aos 18 anos e esta idade é menor ou igual à idade média (24,27) dos estudantes dos restantes anos.

Analisando os resultados anteriores de forma mais pormenorizada, verifica-se que a idade mínima de experimentação foi 13 anos para o segundo e terceiro ano do primeiro ciclo de estudos, sendo os valores máximos de 25 e 23 anos e médias de 18,45 e 17,05 anos de idade respetivamente (2º e 3º anos). Para o primeiro e quarto ano, as idades mínimas para a experimentação situaram-se nos 15 e 16 anos com médias de 19,24 e 19,25 anos de idade, respetivamente.

Em relação ao tipo de drogas experimentado pelos estudantes, verificamos que relativamente à idade, o álcool é sempre a droga preferencial para experimentar. Podemos constatar que as drogas mais consumidas são também, em ambos os géneros, o álcool (fem-38; 57,6% e masc-37; 71,2%) e a *cannabis*

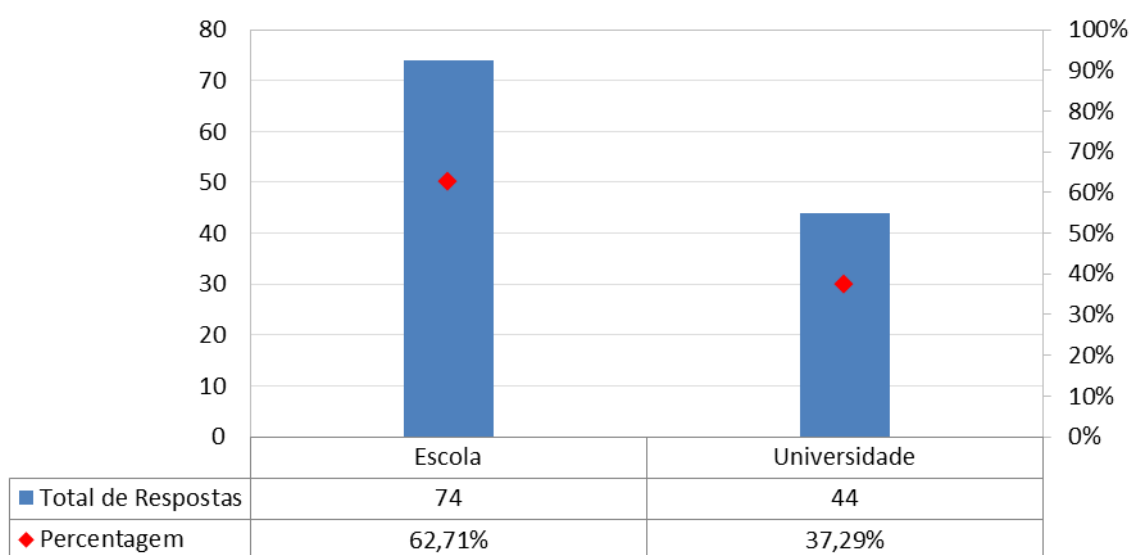
(fem-23; 34,8% e masc-14; 26,9%) sendo que os outros tipos têm representação residual (percentagens inferiores a 5%). Em relação à distribuição do tipo de droga por faculdade podemos verificar que o álcool é o tipo de droga dominante em todas as faculdades à exceção da faculdade de Ciências Económicas onde o tipo dominante é a *cannabis*.

Tabela 5 – Principal droga utilizada na experimentação

Variável		Tipo de Droga	Respostas	Total	Percentagem	Total
Género	Feminino	Álcool	29	47	61,70%	100%
		<i>Cannabis</i> (Haxixe, Erva)	17		36,17%	
		Cocaína ou estimulantes	1		2,13%	
	Masculino	Álcool	46	71	64,79%	100%
		<i>Cannabis</i> (Haxixe, Erva)	20		28,17%	
		Cocaína ou estimulantes	2		2,82%	
		Ecstasy	2		2,82%	
		Opiáceos (Heroína)	1		1,41%	
	Faixa etária	Até 19 anos	Álcool	15	80,00%	100%
			<i>Cannabis</i> (Haxixe, Erva)		13,33%	
			Cocaína ou estimulantes		6,67%	
		20-29 anos	Álcool	81	56,79%	100%
			<i>Cannabis</i> (Haxixe, Erva)		38,27%	
			Cocaína ou estimulantes		2,47%	
			Ecstasy		1,23%	
			Opiáceos (Heroína)		1,23%	
		30-39 anos	Álcool	19	78,95%	100%
			<i>Cannabis</i> (Haxixe, Erva)		15,79%	
			Ecstasy		5,26%	
		Mais de 40 anos	Álcool	3	66,67%	100%
			<i>Cannabis</i> (Haxixe, Erva)		33,33%	
Faculdade	FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÓMICAS, SOCIAIS E DA EMPRESA	Álcool	31	44	70,45%	100%
		<i>Cannabis</i> (Haxixe, Erva)	11		25,00%	
		Cocaína ou estimulantes	2		4,55%	
	FACULDADE DE CIÊNCIAS NATURAIS, ENGENHARIAS E TECNOLOGIAS	Álcool	1	4	25,00%	100%
		<i>Cannabis</i> (Haxixe, Erva)	2		50,00%	
		Cocaína ou estimulantes	1		25,00%	
	FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARQUITECTURA, ARTES E TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO	Álcool	25	35	71,43%	100%
		<i>Cannabis</i> (Haxixe, Erva)	8		22,86%	
		Ecstasy	1		2,86%	
		Opiáceos (Heroína)	1		2,86%	
	FACULDADE DE DIREITO	Álcool	8	15	53,33%	100%
		<i>Cannabis</i> (Haxixe, Erva)	6		40,00%	
		Ecstasy	1		6,67%	
	FACULDADE DE PSICOLOGIA, EDUCAÇÃO E DESPORTO	Álcool	10	20	50,00%	100%
		<i>Cannabis</i> (Haxixe, Erva)	10		50,00%	

Em relação ao local de ensino que os estudantes frequentavam quando experimentaram as drogas pela primeira vez, verificou-se que dos cento e dezoito (118) inquiridos, a escola mostrou-se o local mais escolhido, com 62,71% das respostas (Faculdade 37,29%). A escolha feita pelos estudantes das duas faixas etárias mais baixas é igual (onde a percentagem foi excedeu os 66%) ao passo que as faixas mais elevadas revelam um equilíbrio na escolha do local (no máximo a percentagem foi de 55,6%). No que ao género diz respeito, quer o género feminino como o masculino, tiveram a escola como escolha (62,1% e 63,5% respetivamente). Apenas os estudantes que frequentam a faculdade de Direito tiveram na Universidade o primeiro contacto com as Drogas (n=13; 52%) enquanto os restantes estudantes escolheram a Escola para o fazer (percentagens todas inferiores a 44%). À exceção dos estudantes do 4º ano, todos os restantes estudantes escolheram a escola como local de primeiro consumo, em particular os estudantes de 3º ano (n=41; 70,7%).

Gráfico 1 – Contexto onde ocorreu a 1ª experiência com drogas



Em relação ao companheiro com quem experimentou drogas, os amigos foram a companhia preferencial pela esmagadora maioria dos estudantes, em qualquer uma das faixas etárias, género, faculdade e ano de frequência (percentagens excederam sempre os 90%)

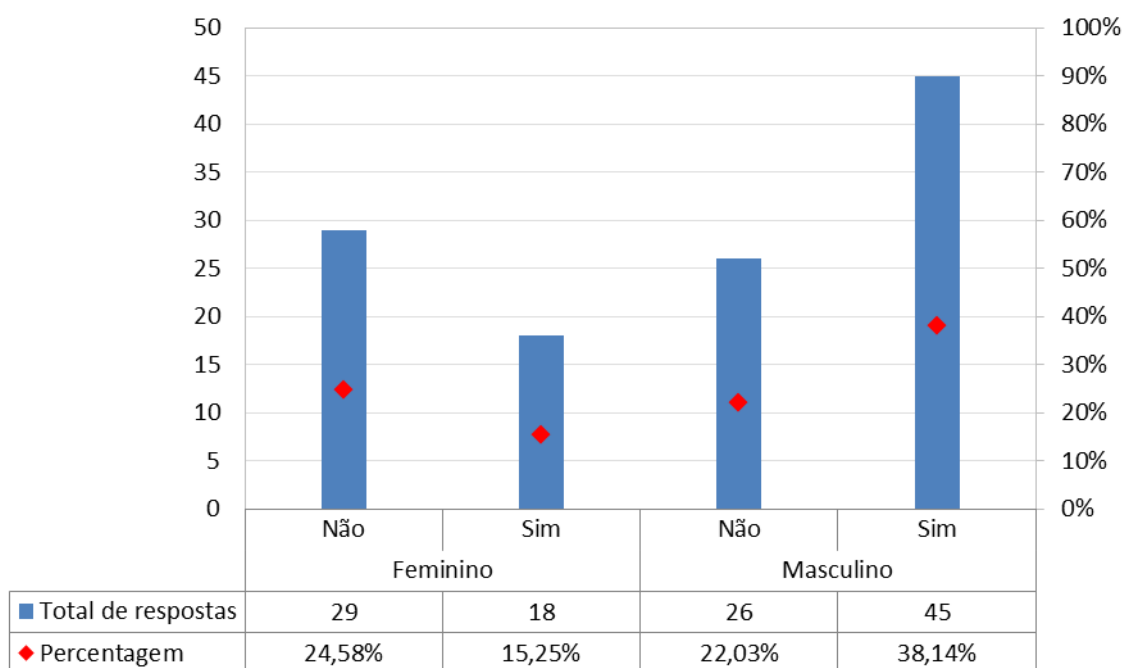
Relativamente ao local onde experimentaram as drogas, existe um equilíbrio entre rua e casa de amigos na faixa etária mais baixa ao passo que nas

faixas seguintes (20-29 e 30-39) a rua é a preferida (29,1% e 38,9% respetivamente). Parece haver um equilíbrio na escolha do local de consumo em ambos os géneros: quase dois terços dos estudantes têm a casa de amigos e a rua como locais de eleição para o consumo, sendo que no caso dos estudantes do género feminino a rua se estabeleça com ligeira preferência (31,8% > 22,7%). Se considerarmos como critério a faculdade a que o estudante pertence, então, concluímos que os estudantes das faculdades de Psicologia e de Comunicação preferem a rua para consumir (37,5% e 45,5% respetivamente) enquanto que os estudantes das faculdades de Ciências Económicas (26,9%) e de Direito (28%) preferem a casa de amigos. A rua é local preferido pelos estudantes do 1º (41,2%) e 3º ano (32,8%) enquanto que no caso dos estudantes de 2º (38,7%) e 4º ano (33,3%) o local é a casa de amigos.

De acordo com o relatório ESPAD 2011, 71% dos estudantes portugueses, consumiu drogas nos últimos 30 dias. Neste estudo, foi possível confirmar que dos 118 inquiridos a quem foi colocada a questão se atualmente consumia algum tipo de drogas, 63 (53,39%) responderam afirmativamente. Conseguimos verificar que a percentagem de estudantes que consome algum tipo de droga é sempre superior à percentagem de estudantes que não consome. Há um equilíbrio nas faixas etárias até 19 anos e 30-39 ao passo que na faixa 20-29 o consumo atual predomina (53,5%). Verifica-se, ainda, um ligeiro acréscimo, em ambos os géneros, no número de estudantes que atualmente consome algum tipo de droga (percentagens de consumo entre 53 e 54%). Relativamente ao consumo atual, por faculdade, é de salientar que nos estudantes das faculdades de Psicologia (62,5%) e Direito (64%) este ainda é predominante, ao passo que nas restantes ou há um equilíbrio (faculdade de Ciências Económicas) ou, mesmo, uma inversão da situação (faculdade de Comunicação, 60,6% de não consumo).

Por ano escolar, o consumo atual é uma realidade nos estudantes do 3º (55,2%) e 2º ano (52,8%), sendo que nos restantes anos tal não acontece.

Gráfico 2 – Consumo atual de drogas



Em relação ao tipo de drogas consumidas pelos estudantes em todas as faixas etárias, o consumo de mais de um tipo de droga é dominante, em particular na faixa etária mais baixa onde atinge 83,3% dos estudantes. Em ambos os gêneros, a maioria dos estudantes consome mais do que uma droga sendo que individualmente, a *cannabis* é a mais representada (fem-22,9%, masc-17,9%). Em relação às diferentes faculdades, o mesmo se passa, o uso de mais do que um tipo de droga é uma evidência (todas as percentagens excedem 50%), em particular na faculdade de Direito (81,3%). O mesmo acontece em relação aos anos de frequência do curso: todas as percentagens de uso de mais do que um tipo de droga são superiores a 55% e atinge o seu máximo nos estudantes de 1º ano (87,5%).

Foi referido que, segundo o DSM-IV-TR (APA, 2011), o álcool é, na maioria das culturas, o depressor cerebral utilizado mais frequentemente. (Leigh, 1999, cit. in Feldman et al, 2006) quando neste estudo os 63 inquiridos, responderam à questão qual a principal droga que consome, foi possível verificar que na amostra, essa não é a droga principal consumida, mas está efetivamente muito próximo da droga com percentagem mais elevada (álcool 46,03% vs *cannabis* 47,62%)

Houve um equilíbrio de preferência entre *cannabis* e Álcool na primeira faixa etária (50%) enquanto a *cannabis* predominou na seguinte faixa (52,2%)

para nas duas últimas faixas ser o álcool o principal tipo (66,7% e 100%). A *cannabis* revelou ser o tipo de droga preferido pelas estudantes (n=19; 54,3%) enquanto o álcool recolheu a preferência da maioria dos estudantes (n=15; 53,5%). A *cannabis* foi, à exceção da faculdade de Direito, o tipo principal de droga referido pelos estudantes das restantes faculdades em estudo (percentagens são na ordem dos 50%). O álcool foi o tipo principal de droga nos estudantes de 1º, 2º e 4ºanos (percentagens na ordem de 50%) enquanto os estudantes do 3ºano preferem, como principal droga, a *cannabis* (n=19, 59,4%).

Analisando a frequência de consumo de drogas pelos estudantes, verificou-se que excetuando a faixa dos 40 ou mais anos, onde o consumo é diário, nas restantes faixas etárias a predominância do consumo é do tipo semanal (todas as percentagens excedem 50%). Há, em ambos os géneros, predominância de consumo semanal, com maior relevo nos estudantes de género masculino (67,9% vs 51,4%).

Tendo-se verificado as condições da aplicação de um teste paramétrico, foi realizado teste t-Student (teste t) para amostras independentes. Verificou-se que as diferenças ocorridas no consumo médio diário entre géneros não são estatisticamente significativas ($t=-0,389$; $p=0,702$). Em todas as faculdades, há predominância do consumo semanal (o valor percentual mínimo é de 50% nos estudantes da faculdade de Psicologia). Em todos os anos do curso há predominância do consumo semanal (o valor percentual mínimo é de 55,6% nos estudantes de 2º ano).

Em relação ao número de consumos diários, e uma vez que existem poucos inquiridos que consomem diariamente, analisou-se apenas por género, uma vez que para as outras variáveis critério não faz sentido dada a reduzida dimensão versus relativo elevado número de categorias (faculdade, faixa etária, etc.). Verificou-se então que valor modal de consumo (por dia) de drogas pelos estudantes é, em ambos os géneros, de 2 (média de 2 anos para género feminino e de 2,17 anos de idade para género masculino). De forma mais pormenorizada, verificamos que o consumo mínimo diário é de uma vez para ambos os géneros, e de quatro e três vezes diárias como valor máximo, para o género feminino e masculino respetivamente.

Tendo sido confirmados os pressupostos da aplicação de teste paramétrico recorreu-se ao teste t para amostras independentes. Verificou-se que não há

evidência estatística que permita afirmar que as diferenças registadas, entre géneros, no tempo médio de interrupção do consumo de droga sejam estatisticamente significativas. O género parece não condicionar o tempo médio de interrupção de consumo de droga ($t=0,084$; $p=0,934$)

O tipo de companhia dos estudantes aquando do consumo de drogas, para todas as faixas etárias, são os amigos (principal e mais frequente escolha as percentagens chegam mesmo a atingir 100% no caso dos estudantes na faixa etária 30-39). Em ambos os géneros, faculdades e ano de frequência, os amigos são também a principal e mais frequente escolha (as percentagens encontram-se entre os 70% e os 80%).

Em relação ao local de consumo de drogas, nas faixas etárias mais nova e mais velha, há um equilíbrio em relação a dois locais de consumo: na casa de amigos/rua (33,3%) e em casa/café (50%) respetivamente. Na faixa dos 20-29 anos, o local predominante é em casa (32,6%) enquanto na faixa dos 30-39 anos, o local predominante é a rua (33,3%). Conclui-se facilmente que os locais predominantes são, em ambos os géneros, os relacionados com casa (própria ou de amigos). A maior diferença entre géneros reside no valor que a Universidade, como contexto de consumo, tem nos estudantes (que é maior que o registado nas estudantes pois $14,3\% > 5,7\%$). A casa, própria ou de amigos, parece ser também aquele que mais representação tem em todas as faculdades pois são os que, em cada faculdade, obtém mais percentagem. Nos dois primeiros anos de curso o local predominante é a rua (37,5% e 27,8%) ao passo que nos seguintes a casa (própria ou dos amigos) passa a ser o local de eleição.

Um outro ponto que é habitualmente tomado como certo, e que foi também discutido anteriormente, é o facto do consumo de álcool facilitar objetivos sociais (Vaughan & Corbin, 2009 cit. in Rocha, 2011). Desta forma, questionamos aos 29 estudantes cuja principal droga consumida é o álcool, o motivo pelo qual o faziam. Verificou-se, que a socialização e o convívio (17,24% e 13,79% respetivamente) em conjunto, este valor de 31,3% confirma a utilização do álcool com o motivo de facilitar esses objetivos sociais.

Tabela 6 – Principal droga utilizada na experimentação

Motivo Consumo Álcool	Total	Percentagem
Prazer	8	27,59%
Diversão	6	20,69%
Socialização	5	17,24%
Convívio	4	13,79%
Relaxamento	2	6,90%
Descontração	2	6,90%
Necessidade	1	3,45%
Estimulação	1	3,45%
Total	29	100,00%

O prazer tem, no conjunto das duas primeiras faixas etárias, uma predominância global, enquanto nas faixas etárias seguintes aparecem a socialização e convívio (ao mesmo nível). As principais razões apontadas pelos estudantes que motivam o consumo são a diversão e o prazer sendo que no género masculino a diversão tem maior relevância (25%) enquanto no género feminino é o prazer (28,6%). Prazer e diversão são, então, motivos que predominam também nas faculdades de Comunicação, Direito e Psicologia ao passo que nas faculdades ligadas às Ciências exatas os motivos predominantes são a socialização e o relaxamento.

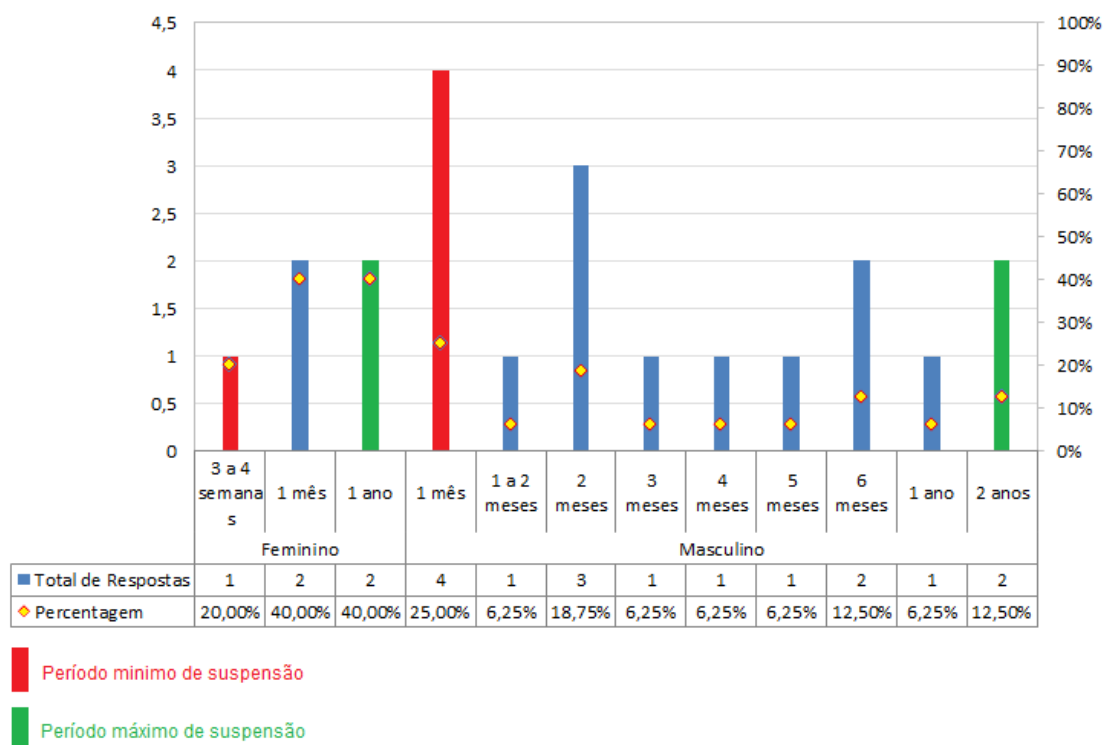
Nos dois primeiros anos de curso a predominância dos motivos fica a cargo do prazer (50% e 38,9% para 1º e 2º anos) enquanto no 3º ano predomina o relaxamento (28,1%) e, no último ano, há um equilíbrio entre socialização e convívio (40%).

Relativamente à existência de interrupção no consumo de drogas pelos estudantes, foi verificado que a percentagem de interrupções foi crescendo à medida que a idade dos estudantes aumenta (16,7%; 32,6%; 44,4% e 50%). As estudantes foram as que menos conseguiram interromper o consumo (n=25; 71,4%) ao passo que os estudantes tiveram mais sucesso na vontade de o fazer (n=11; 39,3%) se bem que ambas as percentagens são preocupantes e merecedoras de uma análise crítica. De entre as faculdades estudadas, apenas os estudantes da de Ciências Económicas obtiveram uma percentagem de interrupção superior a 50% (n=8; 61,5%). Nas restantes faculdades não ligadas a ciências exatas, o “melhor” que se obteve foi na faculdade de Comunicação (n=6; 46,2%). Em nenhum ano de curso se registou uma percentagem de interrupções

superior a 50%, se bem que essa percentagem foi crescendo ao longo dos anos do curso (0%; 33,3%; 40,6; 40%) dando a entender que os estudantes podem ter tomado consciência do problema e, pelo menos, mobilizaram-se para interromper o consumo.

Relativamente ao período temporal (medido em meses) da interrupção do consumo de drogas, não há representatividade na amostra quanto à primeira e última faixa etária (pois houve apenas um aluno em cada). Comparando as faixas etárias, é notória a diferença de tempos de interrupção: os estudantes com idades compreendidas entre 20 e 29 anos foram os que conseguiram tempos mais longos de interrupção. Claramente os estudantes do género masculino conseguiram interrupções mais longas, do que os estudantes do género feminino (dois inquiridos responderam suspender durante dois anos. No género feminino não houve ninguém com período igual de suspensão). Verificou-se, também, que o período mínimo de suspensão (3 a 4 semanas) pertence ao género feminino, não existindo ninguém no género masculino com período de suspensão tão curto.

Gráfico 3 – Períodos de suspensão



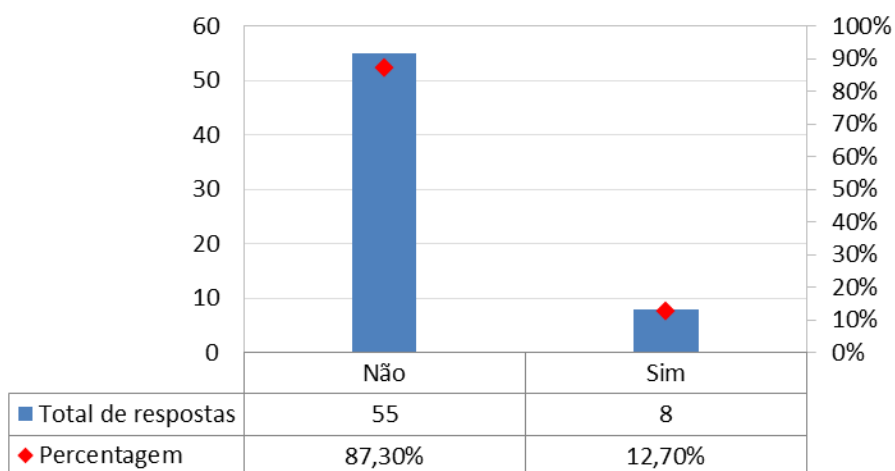
Os estudantes da faculdade de direito foram aqueles que não conseguiram uma maior interrupção, já que os estudantes das faculdades de Comunicação e,

sobretudo os de Psicologia foram aqueles que mais prolongaram a interrupção. Os estudantes de 2º ano foram aqueles que tiveram períodos de interrupção menores.

Em relação à ocorrência de fenómeno de *overdose* nada há dizer pois nenhum estudante relatou tal situação.

Entre a população escolar portuguesa, estima-se que a prevalência de problemas ligados ao álcool situa-se entre 10% e 20%, em estudantes universitários. (Breda, 1900 cit. in Ferreira-Borges & Filho, 2004). Assim, às 63 pessoas que no ponto anterior, referiram atualmente consumir algum tipo de drogas, foi colocada a questão, se haviam em algum momento colocado em risco a vida, estando sob o efeito de drogas. Destes inquiridos, 8 (12,70%) responderam afirmativamente, sendo que 6 (9,52%) estava sob o efeito do álcool, corroborando a indicação anterior.

Gráfico 4 – Risco de Vida



Analisando estes oito inquéritos por género, podemos verificar que o número de episódios mínimo é igual em ambos os géneros (1), sendo que o género feminino tem o valor mais alto (3 situações que colocaram em risco a vida do inquirido, como valor máximo), sendo assim o valor médio de dois episódios para o género feminino e de 1,75 episódios para o género masculino.

Os valores médios de episódios por inquiridos, quando analisados por ano de frequência do primeiro ciclo de estudos estão muito próximos, sendo de 1,5 episódios para o segundo e terceiro ano, e de 2,5 e 2 episódios para o primeiro e quarto ano respetivamente.

Em relação à vontade manifesta pelo estudante em cessar o consumo de drogas, apenas na faixa etária mais nova se verifica que metade dos estudantes inquiridos equacionam tentar deixar o consumo de drogas. Nas restantes faixas etárias, a percentagem é no máximo cerca de 46% e ocorre nos estudantes da faixa 20 -29 anos. Por outro lado, os estudantes do género masculino parecem ter motivação acrescida para interromper o consumo de droga, isto a julgar pela percentagem ligeiramente superior a 50% (n=18; 51,4%) vs 25% que é a percentagem de estudantes do género masculino que estão dispostos a interromper o consumo (n=7; 25%). É na faculdade de Psicologia onde a vontade de cessar o consumo de droga é maior (n=12; 60%). Em todas as outras, a percentagem não atinge sequer 50%. Em nenhum dos 4 anos de curso a percentagem de intenção de abandono do consumo de droga é superior a 50%, no máximo ela atinge cerca de 44% nos estudantes de 2º ano.

3.2 – Discussão dos Resultados

O objetivo deste estudo era compreender o consumo de drogas em meio universitário. Nesta análise de resultados do inquérito, foi possível confirmar que as drogas estão presentes entre os estudantes universitários. Constatou-se que a maior parte dos inquiridos tinha já experimentado algum tipo de droga (60,20%) e que desses 60,20% (118 estudantes que já experimentaram), atualmente, 63 estudantes (32,14%) mantém o consumo.

Tabela 7 – Consumo atual de drogas

	Total	Percentagem
Não	78	39,80%
Sim	118	60,20%
Atualmente não Consome	55	28,06%
Atualmente Consome	63	32,14%
Total	196	100,00%

Verificou-se que a *cannabis* é a droga mais utilizada no meio universitário. O álcool, apesar de ser uma droga legal, e dessa forma mais fácil de obter, apesar de próximo, mantém-se como segunda escolha.

Na amostra deste estudo, foi possível verificar que dos 118 estudantes que já experimentaram algum tipo de droga, 63,56% já experimentou álcool (n=75;

63,56%). De acordo com o estudo de Chitas (2010), 84,6% dos seus inquiridos já experimentou álcool ao longo da toda a sua vida, corroborando os valores igualmente elevados da amostra estudada.

Um estudo realizado a quinhentos e onze (511) estudantes da Universidade de Aveiro, em que 321 participantes são estudantes do género feminino e 190 do género masculino, revelou que 429 dos estudantes universitários manifestam um consumo de álcool de baixo risco, apenas 78 revelam um consumo nocivo de álcool e 4 apresentam uma dependência relativamente ao álcool (Rocha, 2011). Outro estudo, realizado na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto a quatrocentos e noventa e quatro (494) estudantes do 1º ano, dos quais 195 são do género masculino e 294 do género feminino (5 não responderam ao género) revela que 17,5% dos inquiridos apresentam problemas com álcool, fármacos e drogas ilícitas (Santiago & Tavares, 2001).

De acordo com a análise realizada aos cento e noventa e seis (196) estudantes inquiridos da ULP, verifica-se que o álcool é também uma escolha frequente dos mesmos. Dos 66 inquiridos, que actualmente consomem drogas, o álcool é a escolha preferencial de 29 destes estudantes (46,03%).

Tabela 8 – Droga mais consumida

	Total de respostas	Percentagem
Álcool	29	46,03%
<i>Cannabis</i> (Haxixe, Erva)	30	47,62%
Cocaína ou estimulantes	4	6,35%
Total	63	100,00%

De acordo com o estudo elaborado pelo Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (SICAD), é possível verificar que a *cannabis* foi consumida ao longo de toda a vida é de 60,6% dos inquiridos. Neste mesmo estudo, a cocaína ou estimulantes, foram consumidos por apenas 7,5% dos inquiridos (Costa, Dias, & Guerreiro, 2013).

No presente estudo pode verificar-se que o consumo de *cannabis* é igualmente alto (47,62%) e que de forma também baixa e com valores semelhantes, se encontra o consumo de cocaína ou estimulantes (6,35%).

Para que os hábitos de consumo fossem compreendidos, analisou-se de forma um pouco mais profunda, os estudantes que referem atualmente consumir algum tipo de droga. Verificou-se um preocupante consumo diário e semanal (31,75% e 58,73% respetivamente). Este consumo semanal existe em ambos os géneros, mas com maior relevo nos estudantes de género masculino (67,9% vs 51,4%) sendo que, conforme referido em capítulo anterior, após realização do respetivo teste paramétrico, o género não parece influenciar este consumo.

Tabela 9 – Frequência de consumo

	Total	Percentagem
Apenas em festas	1	1,59%
Diariamente	20	31,75%
Mensalmente	4	6,35%
Semanalmente	37	58,73%
Socialmente	1	1,59%
Total	63	100,00%

De acordo com o estudo do SICAD, referido já anteriormente, foi definido o consumo problemático, nos 4,3% da totalidade dos inquiridos que consomem *cannabis* de forma diária. Esse valor é muito próximo do presente deste inquérito, onde na totalidade dos cento e noventa e seis (196) inquiridos, 6,63% consome *cannabis* de forma diária (n=13; 6,63%).

Tentou-se também perceber o porquê deste consumo de drogas e da sua frequência. O prazer, é o motivo que leva mais estudantes a manter um consumo frequente de drogas (23,81%), sendo que a diversão se encontra imediatamente a seguir, com 20,63%.

“A crença no vínculo entre diversão e drogas constitui um motivo que justifica o consumo de drogas como um ritual indispensável para a diversão.” (Rocha, 2011). Esta afirmação confirma ainda mais, a segunda posição para a diversão referida anteriormente (20,63%).

Tabela 10 – Motivo de consumo

	Total de Respostas	Percentagem
Convívio	6	9,52%
Descontração	4	6,35%
Diversão	13	20,63%
Estimulação	2	3,17%
Não sabe	2	3,17%
Necessidade	1	1,59%
Obter Energia	1	1,59%
Prazer	15	23,81%
Relaxamento	10	15,87%
Socialização	8	12,70%
Solidão	1	1,59%
Total	63	100,00%

Para que pudesse ser verificado se os valores desta amostra são coincidentes com os hábitos de consumo de estudantes de outros países, recorreremos ao estudo do ESPAD 2011, que refere que Portugal, Islândia e Noruega são os países com maior percentagem de estudantes que nunca consumiram qualquer das substâncias (lícitas ou ilícitas) tendo inclusive, essa percentagem aumentado de 2007 para 2011. Relativamente ao tabaco, houve decréscimo de consumidores apesar de ter havido aumento dos que consumiram nos “últimos 30 dias”.

Apesar de os dados sobre o álcool serem bastantes positivos quando comparados com os de outros países, em especial os do Norte da Europa (padrões de consumo muito intensivo), deverá ter-se em conta que, apesar disso, traduzem um agravamento dos padrões de consumo (menos consumidores mas mais padrões de consumo mais intensivo). A perceção de facilidade de acesso à *cannabis* situa-se ao mesmo nível da Noruega, Suécia, países Bálticos, Alemanha e Itália (entre outros) sendo menor que em Espanha, França, Reino Unido e muito menor que os EUA (ESPAD, 2011).

IV – Considerações finais

Este estudo tinha como objectivos específicos caracterizar o padrão de consumo de drogas, numa amostra de estudantes universitários. Pretendia-se, também, identificar as diferenças de consumo entre os géneros, as diferentes áreas de estudo, bem como, analisar os consumos de acordo com o ano do ciclo de estudos em que se encontram inscritos na Universidade.

Recorreu-se a um inquérito, que pudesse traduzir efectivamente o consumo de drogas no meio universitário estudado, tendo sido feita a opção de um inquérito online, por forma a manter a confidencialidade do estudante inquirido, minimizando as resistências à resposta face ao carácter pessoal das questões.

De acordo com o ESPAD, o consumo de álcool nos últimos trinta dias pertence ao quotidiano de 52% dos inquiridos (ESPAD, 2011). No presente estudo, um valor muito semelhante (46,03%) dos inquiridos atualmente consome drogas, utilizando o álcool como principal droga consumida. Esta corrobora os valores encontrados na nossa amostra, podendo verificar-se que se a experimentação é frequente, algo de muito similar ocorre face à manutenção do consumo.

De salientar, que na amostra um valor muito reduzido de indivíduos pensa deixar o consumo, apenas 39,68%, enquanto que os restantes 60,32% demonstram interesse em manter o consumo.

Conclui-se que, apesar de não terem existido situações de *overdose*, as drogas são utilizadas de forma problemática na universidade. Com este padrão de utilização feito com alguma frequência e com o baixo interesse demonstrado em cessar consumos, estaremos provavelmente face a uma realidade que se irá manter no futuro.

Na análise dos resultados, devem ser consideradas algumas limitações deste estudo. Numa fase inicial, o objetivo seria estudar uma amostra aleatória do universo dos estudantes da ULP, devido a condicionantes, como o tempo, foi redefinida a população para o primeiro ciclo de estudos. Por este facto, a amostra deixa de ser obtida de forma aleatória, o que pode influenciar o tipo de resultados e compromete a sua representatividade da população estudada. Assumimos, também, como verdade todas as respostas recebidas, não existe, no entanto,

forma de comprovar essa situação. Importa igualmente referir que, tendo sido o estudo realizado apenas na ULP, os dados não serão representativos dos estudantes universitários portugueses.

Tratando-se de um estudo realizado apenas na ULP, estava receoso que o número de respostas fosse insuficiente para a elaboração deste trabalho. Ao acompanhar de forma constante a evolução das respostas, depressa me apercebi que existiu grande adesão à iniciativa, tendo conseguido uma amostra de 196 indivíduos. Este elevado número de respostas levou à necessidade de efectuar análise estatística dos dados mais abrangente; assim optou-se não só pelo uso de medidas de estatística descritiva mas, também, do domínio inferencial (testes paramétricos, no caso testes T para comparação de médias em amostras independentes)

Este trabalho alertou-me para a realidade no consumo de drogas, fazendo-me compreender de forma mais clara a problemática e algumas das consequências a ela associadas. O desenvolvimento do estudo, além de permitir aprofundar a temática, permitiu-me conhecer regras valiosas de elaboração de estudos, assim como a apresentação e discussão dos resultados dos mesmos. Estes resultados levantam questões, como, por exemplo: Até que ponto estes consumos influenciam o desempenho académico, e assim o próprio futuro do indivíduo? Será este consumo responsável pelas escolhas ou opções comportamentais ao longo do percurso académico dos estudantes? Qual a atitude que a universidade deverá assumir perante os jovens que usam droga? Estas questões colocadas podem ser exploradas em investigações futuras, por forma a aprofundar o estudo do tema, assim como, de aspectos preocupantes relacionados com a actuação face a esta realidade.

Importa que este tipo de estudos sejam desenvolvidos e partilhados, de forma cada vez mais constante, para que a mais valia que obtive com o desenvolvimento deste estudo, possa representar um benefício para todos os que demonstram interesse na área.

V – Bibliografia

Agudo, V. R. (2008). *A transição para a idade adulta e os seus marcos: Que efeito na sintomatologia depressiva?* Tese de Mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação - Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios familiares* (3ªed.). Coimbra: Quarteto.

Almeida, L. S., & Freire, T. (2008). *Metodologia da investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilíbrios Edições.

American Psychiatric Association. (2011). *DSM – IV – TR, Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais*. (4ª ed). Lisboa: Climepsi Editores.

American Psychiatric Association (2013). *DSM – V, Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th edition). Washington DC: American Psychiatric Association.

Aquilino, W. S. (2006). Family relationships and support systems in emerging adulthood. In J. J. Arnett & J. L. Tanner (Eds.), *Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century*, 193-217. Washington, DC: American Psychological Association.

Andrade, P., Melo, R., & Sampaio, M. (19 de Fevereiro de 2010). Intervenção em contexto festivo no ensino superior. *Revista toxicodependências*, 16, pp. 15-28.

Aragão, M. & Sacadura, R. (2002). *Guia geral das drogas: explicar o seu mecanismo e as suas consequências*. Lisboa: Terramar

Arnett, J. J. (1999). Adolescent storm and stress, reconsidered. *American Psychologist*, 54, 317-326.

Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: a theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55, 469-480.

Arnett, J. J. (2006). Emerging adulthood in Europe: A response to Bynner. *Journal of Youth Studies*, 9, 111-123.

Bertolote, J. M. (2006). *Glossário de drogas e álcool*. Brasília: SENAD.

Braconnier, A., & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi.

Bowker, D., Dillman, D. A., & Tortora, R. D. (1998). *Principles for constructing web surveys*. Pullman, Washington: SESRC Technical Report 98-50.

Chitas, V. C. (2010). *Consumo de drogas e outros comportamentos fatores de risco e fatores de proteção*. Tese de Mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação – Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Costa, A. B. (1998). *Exclusões Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Costa, J. L., Dias, L., & Guerreiro, C. (2013). *Consumos, representações e percepções das novas substâncias psicoativas entre estudantes universitários*. Lisboa: SICAD.

Dias, F. N. (2002). *Sociologia da toxicodependência*. Lisboa: Instituto Piaget.

Dias, G. F. & Fontaine, A. M. (1996). Tarefas desenvolvimentais e bem-estar dos jovens: algumas implicações para o aconselhamento psicológico. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 103-114.

Dupont, R. L. (2005). *Cérebro álcool e Drogas*. Lisboa : Instituto Piaget.

Erikson, E. H. (1971). Oito idades do homem. In W. W. Norton (Ed). *Infância e Sociedade* (227-248). Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Feldman, R. D., Olds, S. W., & Papalia, D. E. (2006). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre RS: Artmed editora.

Fernandes, L. (1997). *Etnografia urbana das drogas e do crime*, 10. Lisboa: Gabinete de Planeamento e de Coordenação do Combate à Droga.

Fernandes, L. (1998-a). Periferias sociais e fenómeno droga. *Toxicodependência*, Ano 4, nº2, pp. 5-13.

Fernandes, L. (1998-b). Os princípios de exclusão da droga. Araújo, H. G. de, Santos, P. M. & Seixas, P. C. [Coords.]. *Nós e os Outros: A Exclusão em Portugal e na Europa*. Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, pp.63-78.

Ferreira-Borges, C., & Filho, H. C. (2004). *Usos, abusos e dependências: alcoolismo e toxicodependência*. Lisboa: Climepsi Editores.

Frances, A., & Ross, R. (2011). *D.S.M.-IV-TR Casos Clínicos*. Lisboa: CLIMEPSI Editores.

Gonçalves, I. (2012). *Transição do ensino secundário para o ensino superior - Núcleo de Apoio Psicológico*, IST. Acedido em <http://www.fc.ul.pt/> a 8 de Novembro de 2013.

Hibell, B., Guttormsson, U., Ahlström, S., Balakireva, O., Bjarnason, T., Kokkevi, A., & Kraus, L. (2011). *The 2011 ESPAD Report: Substance Use Among Students in 35 European Countries*. Stockholm: The Swedish Council for Information on Alcohol and Other Drugs.

Hoffman, J. A. (1984). Psychological separation of late adolescents from their parents. *Journal of Counseling Psychology*, 31, 170-178.

Instituto da Droga e da Toxicodependência (2012). *Relatório de actividades 2012: A situação do país em matéria de drogas e toxicodependências*. Lisboa: IDT.

Jenkins, C. (2006). Ethnicity, culture, drugs and sex. In P. Aggleton, A. Ball & P. Mane (Eds.). *Sex, drugs and Young People* (pp. 48-62). NY: Routledge.

Lopez, F. G., Watkins, C. E. J., Manus, M. & Hunton-Shoup, J. (1992). Conflictual Independence, mood regulation, and generalized self-efficacy: test of a modelo f late-adolescent identity. *Journal of Counseling Psychology*, 39, 375-381.

Maroco, J. (2033). *Análise estatística com utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.

Mota, C. P., & Rocha, M. (2012). Adolescência e jovem adultícia: crescimento pessoal, separação-individuação e o jogo das relações. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 28 n.3, pp. 357-366.

Moreira, P. (2005). *Para uma prevenção que previna*. Coimbra: Quarteto.

Ribeiro, J. L. (1999). *Investigação e avaliação em psicologia e saúde*. Lisboa: CLIMEPSI Editores.

Paixão, N. (2009). *Um estudo exploratório: busca da compreensão da Toxicodependência e da psicossomática no âmbito da vinculação*. Tese de Doutoramento não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da educação, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Rocha, A. M. (2011). *Álcool e substâncias psicoactivas no estudante universitário*. Tese de mestrado não publicada, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.

Rodrigues, F. (2003). *Acção social na área da exclusão social*. Lisboa: Universidade Aberta.

Rosa, A., Gomes, J., & Carvalho, M. (2000). *Toxicodependência arte de cuidar*. Coimbra: Formsau.

Santiago, R. A., & Tavares, J. (2001). *Ensino superior, (in)sucesso académico*. Porto: Porto Editora.

Silva, L. V., Malbergier, A., Stempliuk, V. d., & de Andrade, A. G. (2006). Factores

associados ao consumo de álcool e drogas entre estudantes universitários. *Revista de Saúde Pública* 2006; 40(2):280-8.

Souto, M. T. (2000). A alexitimia e a dependência de drogas: Os sentimentos, o discurso e as drogas. Tese de mestrado não publicada, Faculdade de Medicina – Universidade do Porto, Porto, Portugal.

SPSS (2012). *IBM SPSS Statistics 21 Brief Guide: Statistical Package for Social Sciences*.

Tindade, I., & Teixeira, J. A. (2000). *Psicologia dos Cuidados de Saúde Primários*. Lisboa: Climepsi Editores.

Xiberras, M. (1993). *As Teorias da exclusão: para uma construção do imaginário do Desvio*. Lisboa: Instituto Piaget.

World Health Organization (2012). *The LCD. - 10 Classification of Mental and Behavioural Disorders: clinical descriptions and diagnostic guidelines*. Genebra: World Health Organization (WHO).

VI – Anexos

Anexo 1 - Inquérito

Sou estudante do Mestrado em Psicologia Forense na Universidade Lusófona do Porto, encontro-me a realizar uma investigação que procura explorar o consumo de substâncias psicoativas em estudantes do ensino universitário, baseada no preenchimento deste inquérito.

A resposta ao inquérito é anónima e confidencial.

Este inquérito é constituído por um total de 34 perguntas (22 perguntas principais e 12 de carácter exploratório), das quais algumas têm instruções.

1. Nacionalidade:

2. Idade:

3. Género?

Masculino	
Feminino	

4. Curso em que se encontra matriculado(a)?

5. Ano em que se encontra matriculado?

1º Ano	
2º Ano	
3º Ano	
4ª Ano	

6. Já experimentou de algum tipo de droga?

Sim (Continuar na pergunta 8)	
Não (Passar para a pergunta 7)	

7. Se respondeu Não, qual a principal para não experimentar?

(Continuar na pergunta 34)

8. Que idade tinha quando experimentou?

9. Que tipo de drogas é que experimentou? (Pode escolher mais que uma resposta)

Opiáceos (Heroína)	
Cocaína ou estimulantes	
Cannabis (Haxixe, Erva)	
Álcool	
Ecstasy	

10. Quando experimentou frequentava?

Escola		Ano:	
Universidade		Ano:	

11. Com quem experimentou? (Pode escolher mais que uma resposta)

Sozinho	
Com amigos	
Com familiares	
(Parentesco)	
Outros	
Qual?	

12. Onde experimentou? (Pode escolher mais que uma resposta)

Em casa	
Na casa de amigos	
Na rua	
No café	
Na universidade	
Na escola	
Outros	
Qual?	

13. Atualmente consome algum tipo de droga?

Sim (Continuar na pergunta 14)	
Não (Passar para a pergunta 35)	

14. Que tipo de drogas é que consome? (Pode escolher mais que uma resposta)

Opiáceos (Heroína)	
Cocaína ou estimulantes	
Cannabis (Haxixe, Erva)	
Álcool	
Ecstasy	

15. Qual a principal droga que consome? (Pode escolher mais que uma resposta)

Opiáceos (Heroína)	
Cocaína ou estimulantes	
Cannabis (Haxixe, Erva)	
Álcool	
Ecstasy	

16. Com que frequência consome a droga principal? (Pode escolher mais que uma resposta)

Diariamente	
Semanalmente	
Mensalmente	
Outros	
Qual?	

17. Se respondeu diariamente, quantas vezes por dia?

18. Com quem consome? (Pode escolher mais que uma resposta)

Sozinho	
Com amigos	
Com familiares	
Outros	
Qual?	

19. Onde consome? (Pode escolher mais que uma resposta)

Casa	
Na casa de amigos	
Na rua	
No café	
Na universidade	
Na escola	
Outros	
Qual?	

20. Qual a principal razão para consumir?

21. Alguma vez interrompeu o consumo?

Sim	
Não (Passar para a pergunta 23)	

22. Se respondeu Sim, quanto tempo interrompeu?

23. Alguma vez ocorreram situações de *overdose*?

Sim	
Não (Passar para a pergunta 28)	

24. Se respondeu Sim, quando?

25. Número de episódios?

26. Droga utilizada?

Opiáceos (Heroína)	
Cocaína ou estimulantes	
Cannabis (Haxixe, Erva)	
Álcool	
Ecstasy	

27. Que medida tomou?

Nenhuma	
Recorreu ao serviço de urgência	
Internamento hospitalar	
Procurou tratamento	
Cessou os consumos	
Manteve os consumos	
Aumentou os consumos	
Outros	
Qual?	

28. Estando sob o efeito de drogas, teve alguma ação que pudesse colocar em causa a sua vida?

Sim	
Não (Passar para a pergunta 33)	

29. Se respondeu Sim, quando?

30. Número de episódios

31. Droga utilizada?

Opiáceos (Heroína)	
Cocaína ou estimulantes	
Cannabis (Haxixe, Erva)	
Álcool	
Ecstasy	

32. Que medida tomou?

Nenhuma	
Recorreu ao serviço de urgência	
Internamento hospitalar	
Procurou tratamento	
Cessou os consumos	
Manteve os consumos	
Aumentou os consumos	
Outros	
Qual?	

33. Pensa deixar o consumo?

Sim	
Não	

--Terminou aqui o inquérito. Obrigado--

34. Se nunca experimentou, já alguma vez teve curiosidade em experimentar?

Sim	
Não	

--Terminou aqui o inquérito. Obrigado--

35. Se atualmente não consome nenhum tipo de drogas, pretende retomar?

Sim	
Não	

--Terminou aqui o inquérito. Obrigado--

-

